

## A TRAJETÓRIA POÉTICA DE MÁRIO QUINTANA

DONALDO SCHÜLER,  
Doutor em Letras e Livre  
Docente pela PUCRS e  
UFRGS\*

Quando Mário Quintana publica o seu primeiro livro, *A Rua dos Cataventos* (1940), a Alemanha de Hitler alastra a guerra pela Europa. O conflito não atrai a atenção do poeta, tão pouco problemas sociais, dentro ou fora do país.

Eu nada entendo da questão social.  
Eu faço parte dela, simplesmente...  
E sei apenas do meu próprio mal,  
Que não é bem o mal de toda gente,

Nem é deste Planeta... Por sinal  
Que o mundo se lhe mostra indiferente!  
E o meu Anjo da Guarda, ele somente,  
É que lê os meus versos afinal...

E enquanto o mundo em torno se esbarronda,  
vivo regendo estranhas contradanças  
No meu vago País de Trebizonda...

Entre os loucos, os Mortos e as Crianças,  
É lá que eu canto, numa eterna ronda,  
Nossos comuns desejos e esperanças... (1940, p. 9).

Em meio à deflagração mundial, Mário QUINTANA preserva o soneto e a temática que lembram as tendências do fim do século passado e os anos anteriores ao movimento modernista neste. Mas isto não faz dele um mero pastichador. Domina o soneto, e sabe imprimir-lhe características próprias. Os trinta e cinco sonetos que formam a *Rua dos Cataventos* (1940), armam-se como um poema narrativo. O primeiro soneto apresenta-se como proposição. Nele, o poeta, escrevendo diante da janela aberta, declara que pretende descrever a paisagem que se estende diante dela. Ao correr da leitura, nasce uma pacata cidadezinha interiorana, com ruazinhas, lampiões, jardins, pregões, profissionais liberais, cartazes, circo e o mais. E isto em diferentes horas do dia e da noite com variada incidência de luz e sombra.

---

\*Professor Titular, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Instituto de Letras, UFRGS.  
Professor do Curso de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS.

Os sonetos fixam quadros. Na passagem de um quadro a outro, cria-se a sensação de movimento.

Mário QUINTANA mostra neste livro de estréia um aspecto permanente em sua poesia e, quem sabe, a contribuição maior do poeta à poesia brasileira, a fixação do cotidiano, a aguda percepção das coisas miúdas contaminadas pelos conflitos do observador:

Quando os meus olhos de manhã se abriram  
Fecharam-se de novo, deslumbrados:  
Uns peixes, em reflexos doirados,  
Voavam na luz: dentro da luz sumiram-se...

Rua em rua, acenderam-se os telhados.  
Num claro riso as tabuletas riram.  
E até no canto onde os deixei guardados  
Os meus sapatos velhos refloriram.

Quase que eu saio voando céu em fora!  
Evitemos, Senhor, esse prodígio...  
As famílias, que haviam de dizer?

Nenhum milagre é permitido agora...  
E lá se iria o resto de prestígio  
Que no meu bairro eu inda possa ter. (1940, p.7)

O último verso do segundo quarteto dará o título ao terceiro livro de QUINTANA, *Sapato Florido* (1947). A poetização do cotidiano, que atinge lá um dos momentos altos da poesia de QUINTANA, mostra o desenvolvimento daquilo que já se encontra aqui.

No soneto em apreço o mágico incisma-se no cotidiano. Por essa mesma época, Murilo RUBIÑO criava o fantástico para o conto brasileiro (pioneiramente na América Latina). O que o ficcionista mineiro inventava no conto, Mário QUINTANA praticava na poesia. E com a mesma força de convicção. Os peixes dourados voam sobre os telhados como se fizessem parte da paisagem. O conúbio do natural com o mágico é realizado pelos olhos infantis com que o poeta contempla a cidadezinha. O livro desdobra-se em dois planos temporais, o presente (em que vive o adulto que escreve) e o passado (em que o poeta se vê como menino). O menino, entretanto, não morre no adulto. Conserva da infância a ternura, a capacidade de sonhar, a credulidade, e essa espontânea religiosidade sem dogmas.

Morte-vida surge como outro par antitético a sustentar o livro. O adulto que preserva o mundo da criança traz na consciência também a idéia da morte:

Minha morte nasceu quando eu nasci.  
Despertou, balbuciou, cresceu comigo...  
e dançamos de roda ao luar amigo  
Na pequenina rua em que vivi. (1947, p. 23).

Tanta familiaridade com a morte não decai na lamúria. O poeta faz dela um contendor com o qual ele brinça a sério. A criação poética levanta-se como um triunfo sobre a morte, que ele recebe com a mesma naturalidade com que contempla os luminosos peixes voadores. O livro termina assim:

E um dia a morte há de fitar com espanto  
Os fios de vida que eu urdi, cantando,  
Na orla negra do seu negro manto... (1947, p. 39)

*Canções* que vem a lume em 1946, mostra o poeta em plena revisão de processos poéticos. Sonetos já não os há mais. Os versos se estiram largos e se concentram. Os novos ritmos se retiram do cotidiano. *Canções* (1946), apresenta-se como um momento de indecisão, um livro experimental, em sintonia com as modificações que a poesia sofre também no Centro do País. Mário QUINTANA teoricamente recusa a poesia pura:

E caminha pura  
Da mais pura água,  
Que poesia pura,  
Ai seu poeta irmão,  
A poesia pura não existe não! (1946, p.60).

Contudo, desbastada da escória do dia a dia, a poesia de QUINTANA, neste livro, reduz-se a um puro jogo formal. Felizmente o poeta não sucumbiu ao fascínio das alvas alturas em que por um instante fixou um olhar. *Sapato Florido* (1947) mostrará que a força de QUINTANA reside efetivamente no convívio com as insignificâncias da terra, que soube poetizar como ninguém. *Canções* (1946), valeu para sacudir de si a camisa-de-força que foi o soneto. Em *Sapato Florido* (1947) o desmedido já não assusta mais. O livro abre com um longo poema em prosa. Senhor dos recursos técnicos, desloca-se para o extremo oposto e extrai todos os efeitos do poema reduzido a um único verso.

Entre a indagação de DRUMMOND e a reintegração na totalidade com a anulação do eu expresso na poesia de MEYER, QUINTANA abre em *Sapato Florido* (1947) um outro caminho: a aceitação do cotidiano, das coisas simples, sem perguntar por aquilo que hipoteticamente está além da superfície. Isso que na obra de DRUMMOND constitui momento isolado, é em *Sapato Florido* (1947) situação permanente.

O sentimento de ruptura é o mesmo. Também para QUINTANA há o paraíso perdido, Shangri-la. Mas o modo de reconquistar o que se perdeu é outro. Não se avolumam pedras no caminho como na obra do autor de *Alguma Poesia*. QUINTANA se satisfaz com a pedra e neste encontro se revela a plenitude.

*Sapato Florido* (1947) reelabora o mito lunar, que deita raízes nas mais profundas camadas culturais do homem.

A lua abre o livro e volta a despontar em muitos lugares. É surpreendida na sua representação cíclica. Quando fica velha, vira lua-nova. O ciclismo lunar é símbolo da renovação universal. É o que se lê no poema *Das Metamorfozes*. Negro velho vira macaquinho que sabe tudo. Velhos juriconsultos viram fetos. Velhinhas

viram fios que se prendem num lábio fresco. Velhos trôpegos viram reflexos que dançam no ar.

A essência lunar, velhice-rejuvenescimento pervade o universo. Preside todas as regenerações do poema. A vida recomeça no homem em quem se insinua a idéia do suicídio com a vinda de um riso límpido do fundo de um pátio da infância. No chão de outono, as folhas amarelas passam perseguidas por um convite-de-então. Esta mesma natureza morta ressurgem num cenário primaveril como no dia inolvidável da inauguração do Paraíso. O surto de regeneração está na imaginação das orquídeas criando inéditos coloridos. O riso velho e azinhavrado do vovô é sucedido pelas pratinhas novas do riso de Lili. A lua, símbolo mítico de todas as metamorfoses, surge no perfil noturno da casaria como um milagre. Morre e renasce desde o sangue derramado em Babilônia e em Cartago através de batalhas e dos dolorosos conflitos privados até os últimos tempos. O mito lunar dorme no título do livro. Sapato florido é calçado gasto, abandonado. Nesse objeto, afastado dos interesses vitais, a vida renovada faz-se flor.

A recuperação do paraíso não está numa problemática busca do passado como é freqüente na literatura ocidental. Está na desintelectualizada apreensão do instante presente. O momento que passa é a vida se regenerando. Os poemas são instantes do movimento cíclico universal. E QUINTANA não busca os remotos. Permanece atento ao que ocorre na sua circunstância imediata. Nisto reside a beleza inocente de sua poesia.

Boa parte da produção poética de Mário QUINTANA aparece nas páginas do *Correio do Povo* de Porto Alegre antes de subir em forma de livro às estantes. Nenhuma produção literária é mais adequada do que a sua ao informativo diário. A vida do jornal reside na sua falência e regeneração diárias. Nenhuma publicação envelhece e se regenera com tanta rapidez. E é precisamente este envelhecimento e esta regeneração que Mário QUINTANA poetiza: "Os verdadeiros poetas não lêem os outros poetas. Os verdadeiros poetas lêem os pequenos anúncios dos jornais." (1973, p.15).

A dáde lunar envelhecimento/regeneração surpreende-se na vivência do momento. Na *Aventura do Parque* o momento colhido arde na mão como uma brasa, dá a angustiada sensação de véspera de desabamento e, arremessado contra as pedras, é esmigalhado pelo velocípede de um menino. O livro inteiro repete a aventura no parque, momentos colhidos e arremessados: nascimento e morte, envelhecimento e regeneração, ciclo vital, lunar.

O acesso ao cotidiano é obstruído pelas pessoas sisudas. Se pudesse, o poeta se vingaria, enviando esta alma grave, encasacada e de óculos para o doido País das Sinfonias Coloridas, com o beneplácio de Walt Disney. Mas estas presenças não se perturbam. Nem o mistério. Em vão o antigo caos ficará rondando nos confins do horizonte. Este é o horizonte cultural do poeta e ele o nega conscientemente.

"O cotidiano é o incógnito do mistério."

E este é o domínio de QUINTANA. Envia um telegrama a Lin Yutang comunicando que acaba de ver um negrinho comendo um ovo cozido. O que o comove, em música, não são as composições competentemente elaboradas, são as nobres notas soltas arrancadas pelo afinador de piano. A memória o leva a um carro de ferro e ele deitado no alto. O vôo de um par de andorinhas dá-lhe vontade de rasgar velhas cartas, mudar de camisa, amar. No poema *Quien Supiera Escribir* irrompe

numa vertigem enumerativa de cotidianidades: o menino de joelhos sujos, a velha rendeira, a moça que se protege do que se diz, tapando os ouvidos... o *hai-kai da cozinheira* está no contexto adequado. A arte do *hai-kai* reside na cotidianidade e descobre o maravilhoso nela. O *hai-kai* não é simbólico: a noite é noite, um relâmpago, um grito é um grito. Estamos tão habituados a buscar em tudo sentidos velados, que perdemos a capacidade de perceber a sua face visível que o *hai-kai* procura apanhar.

Em *Sapato Florido* (1947), Mário QUINTANA recria em outra forma o espírito do *hai-kai*. Põe diante dos olhos esta realidade de todos os dias, que de tanto sondar mistérios não percebemos mais, um mundo de surpreendente simplicidade. Ao virarmos as páginas, acabamos perguntando: — mas onde está a poesia? E acabamos envolvidos por ela sem saber bem como. Sentimo-nos num grau zero de poeticidade e o poeta nos força a permanecer aí. Seduzidos a simbolizar, o poeta acaba destruindo as resistências e nos obriga a permanecer neste mundo ignorado, o prosaico mundo dos sentidos. E de repente começamos a ver o indizível, o fluxo vital que está na origem e na falência de cada um dos eternos momentos. E silenciosamente voltamos com o poeta a face ao disco luminoso da lua, na sua cotidianidade e na sua espantosa presença. *Sapato Florido* (1947) nos ensina a ver o gratuito com espanto.

Para criar este efeito, Mário QUINTANA elege o poema em prosa. Como o mundo que o poeta desvenda, o poema em prosa está nesta zona limítrofe em que não se sabe com segurança se é poesia ou prosa o que se lê. Mário QUINTANA decidiu penetrar no cotidiano com esta forma descomprometida que se avizinha da linguagem que trazemos nos lábios para o uso banal. Com a poetização da vida, o poeta opera a poetização da linguagem. Depura-a do útil e a transforma numa realidade lúdica em consonância com a gratuidade do mundo.

*Sapato Florido* (1947), é um livro de recusa ao tecnicismo. O controle, a sistematização, a produção e o consumo erigidos em valor destróem o ludismo e a possibilidade do milagre. O milagre é simples. Os que se submetem à complexidade mecanizada perdem a fé. Somos uma civilização que cria objetos e se prende a eles. Mas os objetos não têm importância em si mesmos. Somos nós que lhes atribuímos valor. Tombam na indiferença à medida que se desprendem de nós: guarda-chuvas, botões, pastas de papéis, estojos, estojos de pince-nez, dentaduras, pacotes. Na sua gratuidade transformam-se em anéis de Saturno.

Mário QUINTANA leva a pretensão de captar o cotidiano às últimas consequências. O poema, por ser um objeto construído, interpõe-se entre o sujeito e a realidade. A realidade mesma é preferível ao poema e o inutiliza. A formiguinha que atravessa a página em branco produz um frêmito de vida que reduz o poema à indigência. Naquela noite o poeta não escreve. Outras vezes, a vida, na ansia de se poetizar, faz-se metafórica. Na enchente de 1941 o poeta tinha um rio dentro de casa, andava de barco de verdade pelos corredores e não era preciso sonhar.

A ambigüidade é essencial ao poema. O poema é contraditório como a nuvem que anuncia chuva quando é sinal de bom tempo. Substancialmente contraditório, o poema não significa nada. E na nadificação transparente do poema a vida se revela.

Um dos estratos da obra literária na teoria de INGARDEN é o dos aspectos esquemáticos. A obra tem lacunas que são preenchidas pela experiência da leitura.

Mário QUINTANA conta com esta atividade criadora do leitor. Os livros de poemas devem ter margens largas e páginas em branco. Nelas as crianças desenham o que lhes dita a fantasia. Os desenhos se incorporam aos poemas. O poema, continuado pela atividade ludicamente criadora das crianças, torna-se um organismo vivo. Os poemas de *Sapato Florido* (1947) apresentam-se em estado nascente. Provocam a fantasia criadora do leitor e buscam completar-se nela. As associações que desencadeiam são como as figuras deixadas pelas crianças nos espaços em branco, imprevisas e múltiplas. Na sua incompletude geram como organismos vivos. Liberados da condição mediata, inserem-se no fluxo-lunar.

*Espelho Mágico* (1948) leva como epígrafe um versículo de *Eclesiastes* e mostra-se, à maneira do livro bíblico, uma coleção de ditos morais. E eles guardam a autonomia e a força incisiva que lhes deu o autor hebreu. No tom sério de muitos deles ecoa a gravidade do texto sagrado. :

### I Da Observação

Não te irrites, por mais que te fizerem...  
Estuda, a frio, o coração alheio.  
Farás, assim do mal que eles te querem,  
Teu mais amável e sutil recreio... (1948, p. 153).

Mas esse tom sentencioso está minado pela ironia. O ironista não orienta, destrói. E na destruição não se poupa nem a si mesmo. O poeta denuncia-se como um mero repetidor de pensamentos alheios colhidos ao acaso das leituras e revestidos de outra forma. Ironiza o próprio livro que escreveu. Justifica o título dizendo que se trata de observações em que se refletem os outros, mas não, a imagem do observador. Na última página, entretanto, o observador volta o espelho para si mesmo com o mesmo vigor de demolição.

O *Espelho Mágico* (1948) ironiza a dor:

### LXXXV Da Viuvez

Ele está morto. Ela, aos ais.  
Mas, neste lúgubre assunto,  
Proque esse não casa mais. (1948, p.137)

Ironiza as grandes virtudes:

### LXIX Da Virtude

Com que tenacidade  
Vai seguindo a virtude a dolorosa Via!  
Olha! passo a passo, a Vaidade  
lhe serve de companhia... (1948, p.131)

Nem mesmo o heroísmo, tão caro a tantos poetas rio-grandenses e tão venerado bem recentemente em *Atena Gaúcha*, escapa a causticidade do poeta:

### LXXXI Da Ação

Ante o Herói, num sorriso o teu pasmo transforma:  
Ele que faça História, e a desfaça, à vontade...  
Pobre bárbaro, entregue à mais grosseira forma  
Da múltipla e infinita Realidade! (1948, p. 135)

Em *Espelho Mágico* (1948), Mário QUINTANA recupera o poder de observação crítica que perpetuou *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, inscrevendo-se numa fecunda tradição da literatura brasileira. O livro de QUINTANA lembra Machado até nas fontes: *Eclesiastes* e os ingleses. Na sua versatilidade apresenta-nos a antítese da cidadezinha pacata que vimos em *A Rua dos Cataventos* (1940) e cobre com a mesma observação aguda aspectos variados da realidade humana. QUINTANA entende o *Espelho Mágico* como um antisimpósio. No simpósio se confrontam pensadores sérios. Em lugar disto o poeta cria uma sarabanda de textos que mina a seriedade dos sistemas. A multiplicidade de vozes convocadas de épocas diversas, de muitos lugares e postas a dialogar no mesmo espaço relativiza-os mutuamente com um leve sorriso de quem promove o encontro.

O *Aprendiz de Feiticeiro* (1950), lança-o ao mesmo experimentalismo de *Canções* (1946). O poeta se comporta como se a observação do mundo o causasse, buscando o conforto de sonhos amenos.

Os caminhos estão cheios de tentações.  
Os nossos pés arrastam-se na areia lúbrica...  
Oh! tomemos os barcos dos ventos!  
Os nossos lábios tensos incomodam-nos como estranhas mordanças.  
Vamos! vamos lançar no espaço — alto, cada vez mais alto! —  
a rede das estrelas... (1950, p.163)

No prefácio a *Apontamentos de História Sobrenatural* adverte QUINTANA que a cronologia de publicação de seus livros anteriores reunidos em *Poesias* não indica evolução, já que foram escritos simultaneamente. *Apontamentos...*, aparecido em 1976, seria o primeiro produzido depois daquela criação simultânea.

Se em face disso estamos desautorizados a ver transformações na criação poética de QUINTANA, permanece, contudo, o fato de que a obra se desdobra em tendências que se individualizam e estas abrangem também os livros mais recentes.

Em *A Rua dos Cataventos* tivemos uma evocação dos tempos de criança, que pela simplicidade lembra CASIMIRO DE ABREU, com freqüência elogiosamente citado por QUINTANA. Esta tendência o conecta com a linhagem dos casimiristas, que na observação de GUILHERMINO CÉSAR atuaram no Rio Grande do Sul antes mesmo de Casimiro. Mário QUINTANA recupera esta tradição contra a poesia heróica e laudatória por ele condenada. Não é de estranhar que a recriação do mundo da criança o leve a escrever um livro infantil, *Pé de Pilão* (1975).

Em *Pé de Pilão* (1975), Mário QUINTANA revela uma qualidade que ainda não lhe conhecíamos, a de narrador. Érico VERÍSSIMO, dizendo na Introdução que o livro fez a gente “querer saber o que vem”, apanha-lhe com acerto a tensão

dramática. O narrador não recua diante de recursos que requerem um público infantil inteligente. Um deles é a quebra da seqüência cronológica. *Pé de Pilão* (1975), é uma história de animais. O pato está sendo fotografado pelo macaco. O passarinho saiu do aparelho e, contra a vontade do pato, pousou-lhe no bico. A impertinência do pássaro desencadeou uma discussão que chamou a atenção de quem cuidava ordem, o cavalo. Este, autoritário, resolve levar os três para a cadeia. Nesta altura o narrador interrompe o desenvolvimento da ação e passa a narrar os acontecimentos que antecederam o início da história.

Mário QUINTANA une suas qualidades de miniaturista às de narrador.

A história é composta de parênteses rimadas em que a hábil exploração da rima cria riscos efeitos de sonoridade, sem prejudicar a naturalidade coloquial própria das histórias infantis.

O narrador revela um grande poder de concentração, exercitada na sua longa atividade de poeta. A história sugere muito mais de que efetivamente conta.

QUINTANA desce a uma tradição mágica e mítica milenar, buscando aí alguns de seus modelos: homens transformam-se em animais e animais recobram a figura humana por artes mágicas; trava-se o conflito entre o bem e o mal, personificados na bruxa e na fada. Este é o lugar em que as infâncias do homem como indivíduo e como espécie se encontram. E neste fundo despontam as qualidades e defeitos humanos. A autoridade arbitrária fez alarde na polícia, que é um cavalo montado em outro cavalo. O macaco é símbolo da solécia. Aparecem a beleza e a fealdade, a afeição e os desencontros; a indústria e a preguiça; a bondade e a vaidade.

Deste mesmo fundo procede o conflito da inteligência contra a brutalidade arrogante que se apresenta de mil maneiras ao longo da literatura dos séculos. Aqui o autoritarismo violento é representado pelo cavalo e se confronta com a inteligência do macaco.

A concepção do mundo é otimista. Quem é preguiçoso converte-se ao trabalho. O bem vence o mal. A vaidade reduz-se à sensatez. O adulto, que escreve a história, não perverte esta visão paradisíaca infantil com suas próprias experiências. A vitória das forças positivas converge na afirmação do direito à liberdade. Libertam-se, por fim, impunes aqueles a quem arbitrariamente a liberdade foi roubada.

As qualidades do artista são exaltadas no macaco. É ele que tem a idéia originalíssima de tirar o guizo da cascavel, cortar a corda que une os prisioneiros ao cavalo, prender nela o guizo arrebatado para disfarçar os guizos do passarinho, que, liberto pela artimanha, se evade com os demais. Artista que é, o macaco enxerga além dos fatos outras possibilidades de existência. Habitado a transformar livremente em tudo, descobre nas circunstâncias possibilidades imprevistas.

O mundo da magia projeta-se na realidade vivida. A pré-história cruza-se com a história, o sonho com a realidade. Personagens centrais são o menino e sua avó. Os protagonistas ficam, por fim, reduzidos a estas proporções normais e realísticas. O fundo misterioso se oculta sob esta superfície prosaica, lugar em que a cada instante pode irromper. O sentido de realidade faz abandonar também o mito da eterna beleza. A bela Alice, vencida a maldição da fealdade, torna-se avó afetuosamente sem retoques.

Mário QUINTANA escreve esta história infantil coerente com a sua extensa atividade poética. Poetizou continuamente o que lhe transmitiram os sentidos.

O seu mundo é também o mundo da criança.

Merecem ainda menção a qualidade gráfica do livro e as ilustrações de Edgar Koentz, que lhe conferem um alto valor artístico.

Outra tendência é a poetização do cotidiano, que se concentra em *Sapato Florido* (1947).

A poesia pura tivemos em *Canções* (1946) e *Aprendiz de Feiticeiro* (1950).

A poesia de reflexão teórica enche *Espelho Mágico* (1948), inaugurando um grupo a que se filiam os últimos livros de QUINTANA; tanto em prosa, *Caderno H* (1973), *A Vaca e o Hipogrifo* (1977) como em verso, *Apontamentos de História Sobrenatural* (1976), *Esconderijos do Tempo* (1980). As reflexões teóricas não pretendem armar-se em sistema. *Espelho Mágico* (1948) mostrou-se, ao contrário, demolidor de sistemas. Dois títulos apontam para o assistemático, *Caderno H* (1973), *Apontamentos...* (1976). As reflexões aparecem assentadas ao acaso das evocações e das sugestões de leitura. Muitas delas na sua concentração oferecem o vigor da literatura epigramática. Cobrem preferencialmente dois campos: teoria literária e filosofia. Não se busquem nas reflexões pensamento original. Nem QUINTANA tem pretensão de originalidade.

Fiel à sua missão de poeta, importa-lhe sobretudo o modo de dizer as coisas, com certa indiferença para o dito. E reside nesta indiferença a sua contribuição. Formado e vivendo num século de idéias apaixonadas, retira-se prudentemente para um lugar em que pode contemplá-las com a serenidade dos olhos da vaca (*A Vaca e o Hipogrifo*, 1977). Contempla-as como quem assiste a um espetáculo. E o faz com a atenção que reserva a todo o vasto domínio do Ser desdobrado em seres. Se nesta visão o encantam as coisas mínimas, como poderia ficar desatento ao espetáculo das idéias? Convive com elas, reveste-as, coloca-as no texto, com o malicioso sorriso do criador diante da criatura. Retira-se com a satisfação de as ter tornado verdadeiras por lhes ter conferido realidade textual. Por amplo que tenha sido o campo em que se expandiu a poesia de Mário QUINTANA, permaneceu fiel ao seu projeto inicial. O seu fazer poético parece um longo comentário daquele remoto soneto com que iniciamos esta análise. Atento ao cotidiano, tornou também familiares os sonhos e as idéias a fim de poder viver com eles sem medo.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 QUINTANA, Mário. *Apontamentos de História Sobrenatural*. Porto Alegre, Globo, 1976. 167p.
- 2 \_\_\_\_\_. *Aprendiz de Feiticeiro*. Porto Alegre, Fronteira, 1950. 35p.
- 3 \_\_\_\_\_. *Caderno H*. Porto Alegre, Globo, 1973. 183p.
- 4 \_\_\_\_\_. *Canções*. Porto Alegre, Globo, 1946. 170p.
- 5 \_\_\_\_\_. *Esconderijos do Tempo*. Porto Alegre, L&PM, 1980. 127p.
- 6 \_\_\_\_\_. *Espelho Mágico*. Porto Alegre, Globo, 1948. 111p.
- 7 \_\_\_\_\_. *Pé de Pilão*. Porto Alegre, Globo, 1975. 39p.
- 8 \_\_\_\_\_. *A Rua dos Cataventos*. Porto Alegre, Globo, 1940. 148p.

- 9 \_\_\_\_\_, *Sapato Florido*. Porto Alegre, Globo, 1947. 131p.  
10. \_\_\_\_\_, *A Vaca e o Hipogrifo*. Porto Alegre, Garatuja, 1977. 132p.

Endereço para correspondência: Rua Congo, 270  
91380 Porto Alegre, RS,  
Brasil.